

DE OLHO NOS POBRES

São Paulo — O candidato da frente de esquerda à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), prometeu ontem governar para o pobres. "Os ricos podem esperar", disse. "Nós temos que governar para os pobres desse país para que eles tenham o gosto de ter um governo que faça as coisas com sacrifício, mas que faça as coisas para a parte da sociedade que sempre ficou marginalizada." Segundo ele, esta é a razão de estar disputando pela terceira vez consecutiva uma eleição à Presidência da República.

Na solenidade de apresentação do conselho político que dará sustentação à candidatura da frente de esquerdas, o candidato a vice na chapa de Lula, Leonel Brizola (PDT), defendeu a eleição do petista, argumentando que o petista está preparado para governar.

"Ele já é essencialmente preparado e naturalmente preparado para governar o país", disse Brizola. Na sua opinião, Lula sabe negociar e poderá tirar o país da crise. Para Brizola, o país está sendo "empurrado para o despenhadeiro", ao referir-se ao endividamento brasileiro e à alta dos juros, classificada por ele de "inconcebível". Ele propôs um "grande esforço de comunicação" dos partidos da coligação que apóia Lula "para tirar o país da situação gravíssima em que se encontra". Brizola disse que, em suas viagens ao exterior, ouviu o presidente Fernando Henrique ser apelidado de "Cardoso, o mentiroso".

QUEIXAS

Lula lançou o conselho político suprapartidário que dará sustentação à sua candidatura, reclamando da imprensa. Em almoço no Clube Atlético São Paulo, Lula sentou-se ao lado do vice em sua

Sebastião Moreira/AE



Lula, com Verissimo, Niemeyer e Brizola (da esquerda para a direita): "Nosso principal adversário é aquilo que se tenta vender na mídia"

chapa, Leonel Brizola (PDT), e do arquiteto Oscar Niemeyer, no centro de uma mesa que tinha, entre outros, o escritor Luiz Fernando Verissimo e o deputado Waldir Pires (PT-BA). Diante de uma plateia formada por integrantes do conselho político e dos grupos de apoio nas áreas econômica, social, educacional e de ciência e tecnologia, o petista fez um discurso em tom amargurado. "Se a chapa Lula e Brizola concorresse em 1958 ou até em 1962, possivelmente ga-

nharia com o pé nas costas", afirmou. "Mas hoje o nosso principal adversário é aquilo que se tenta vender pela mídia."

"Nós até podemos perder a eleição", disse. "O que não podemos perder é a dignidade nem nos submeter aos caprichos dos que querem evitar o segundo turno." Lula reclamou do tratamento dispensado a ele ao sustentar que toda vez que disputa uma eleição "criam um monstro, um clima de medo de fuga de capital volátil, uma coisa

que a população nem entende".

Pouco antes, Brizola havia seguido a mesma linha de argumentação e, em mais uma tentativa de apresentar Lula como um candidato preparado, "com poder de barganha para negociar e sair dessa crise", previu uma desgraça se Fernando Henrique for reeleito. "Se amanhã ocorrer essa desgraça, que traga a continuidade da situação que aí está, teremos de nos preparar para grandes problemas no day after", comentou. Para Brizola, a

expectativa nesse cenário é de que o governo baixe "um pacote horrível, como uma espécie de torniquete sobre o povo brasileiro".

O candidato a vice apelou para a proteção divina nesta eleição. "Que Deus lá em cima inspire nossa gente para usar essa arma poderosa da democracia, que é o voto, para decidir nosso destino", disse. No diagnóstico do senador Roberto Requião (PMDB-PR), que concorre ao governo do Paraná com o apoio do PT, o programa eleitoral de Lula na televisão não tem conseguido atingir o cotidiano das pessoas ao tratar da crise financeira mundial.

Integrante do conselho político, Requião ressaltou: "Esse conselho é interessante, mas o que precisamos é estabelecer uma linha concreta de campanha", criticou. "A população vota em cima do concreto, de como vai ser sua vida amanhã." Ele também provocou Brizola, defensor da revisão das vendas de estatais, ao afirmar que "a discussão da privatização da Companhia Vale do Rio Doce não comove mais o povo diante do desespero do desemprego".